

*As crianças primeiro aprendem a entender o prazer para depois transferi-lo ao(s) seu(s) objeto(s) de desejo. Entretanto, a relação do sujeito que aprende com o objeto não é direta, mas mediada, envolvendo sempre uma situação de interação social. Logo, “a sexualidade infantil é perversa porque é polimorfa” (FREUD).*

Em toda a sua inquietude, o pai da psicanálise decidiu analisar a organização da sexualidade infantil, entendendo que essa é, por suas próprias características e dinâmica, perverso-polimorfa, uma vez que se manifesta de várias formas, não havendo primazia de uma zona erógena determinada, afastando-se do modelo genital de relação sexual.

Para já, as perversões sexuais podem resultar de fixação ou regressão a estágios anteriores ao desenvolvimento sexual. Assim, Freud reconheceu que as perversões sexuais, muitas vezes, têm raízes profundas na infância e podem resultar de traumas ou conflitos não resolvidos, responsáveis por forjar essas novas experiências capazes de evocar sensações vivenciadas ainda na infância, o principal período de educação sexual do humano em sua evolução biológica.

O termo *Twink*, por exemplo, é uma dessas categorias de consumo disponíveis em sites de conteúdo adulto. *Essatag* oferece conteúdos pornográficos que são capazes de forjar uma realidade, ou seja, que podem ser facilmente associado à desejos ao corpo infantil, configurando abuso ou até mesmo pedofilia. O mais curioso é que o termo *Twink*, originalmente proveniente de um jargão LBGTQIAP+ — o que é, no mínimo, problemático —, trata-se de uma expressão da língua inglesa usada para descrever adolescentes ou jovens do sexo masculino, ou adultos com uma aparência física igualmente jovem ou pueril. Estas pessoas são caracterizadas, regularmente, por um corpo magro e atlético e “liso”, sem pelos e nem marcas de expressão ou de idade.

Perceba, a ideação sexual a partir do feitio em presenciar e consumir relações sexuais entre crianças e adolescentes é algo que marcou as sociedades por muitos séculos. No Brasil, O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - 1990) é um marco histórico extremamente relevante para o entendimento da criança enquanto criatura

frágil a ser cuidada, amada e, acima de tudo, respeitada em toda a sua ignorância cívico-social. Mas nada disso impede que crianças sejam violadas todos os dias em todos os lugares do mundo por serem ingênuas e indefesas.

[áudio de WhatsApp]

— tudo começou assim: eu tenho um amigo que se chama Jorge, acho que talvez a senhora deve saber quem ele é. A gente tinha uns 13 ou 14 anos, por aí. Mas tinham outros meninos que eram mais novos. E aí, tipo, esse gay de seus 30 e poucos anos vinha da cidade vizinha trazendo várias outras gays no carro, entende? Umás Gays que são amigas dele. E o que acontecia era que a gente não queria ficar com essas bichas, a gente queria ficar com *boyzinhos*, claro. Porque a gente era gay, e a gente queria ficar com *boyzinhos* de bens. Com uns *boys* que aparentassem ser macho [objeto desejado].

E aí quando a essa gay chegava e vinha com essas bichas a gente não gostava. E essas bichas — como todas as bichas da cidade dela — gostam muito de ficar desmerecendo a gente (bichas) por que erámos do interior. Ficavam *fazendo hora*, dando *close com a gente* e tudo isso. E a gente não curtia muito, porque a gente era desse interior, mas aqui a gente não tinha essa *linhagem* de ficar soltando *cobrice* em cima das bichas, mesmo as de fora. E a gente era mais dessa linha debicha mais recatada mesmo, sabe, porque era a nossa criação, entende? A gente não era de dar muita pinta.

O negócio foi que essa gay percebeu que não ia ter sucesso trazendo essas outras gay e começou a trazer uns boys. Todos *boyzinhos* da cidade dela, sabe, aqueles meninos que na época eram os boys babados, viado, que todo bichaqueria mamar. Só boy de bens, mana. Eram exatamente aqueles meninos que as gays de lá pagam rios de *acué* (dinheiro) para ficar com eles. A gente chamava de *minchê*.

Mas aí então, *essa gay* trazia esses boys, tipo, vinham para o Beira-Rio (restaurante), a gente almoçava e depois tomava banho do rio. Daí, ficava até o finalzinho da tarde e já virava noite até às 21:00 horas. E quando era no escuro, rolava todo o baratismo: sexo, mamadas e pegação. Foi aí que *essa gay* da cidade vizinha percebeu qual *linhagem* rendia e começou a vir com mais frequência.

Tipo, ela vinha às vezes até durante a semana e trazia um, dois, até três boys. E daí ela pegava eu e outro amigo levava a gente, tipo, para os terrenos baldios e lá começava a pegação. A gente transava todo mundo sem camisinha. Tipo, ela colocava esses meninos maiores, os adolescentes para comer a gente, colocava a gente pra mamar eles e tals. Tinha um que era todo malhado e com os olhos azuis, era literalmente o sonho de toda gay, sabe.

Então aconteceu. Eram vários meninos diferentes que essa gay da cidade vizinha trazia e levava a gente para esses terrenos baldios. O negócio dela era colocar a gente para transar com os meninos mais velhos, sabe. E, obviamente, que a gente nessa época já meio que sabia o que queria: *queria sentir prazer de alguma forma*. Porque a gente não era criança, sabe. Era o que a gente gostava. A gente era gay do interior, e isso era o que a gente tinha para curtir; os boys eram de bens, pessoas que a gente nem conhecia, pessoas novas, entende? Então a gente só aproveitava do jeito que dava. A gente gostava de ser *desejada* de alguma forma.

Mas hoje eu meio que já entendo que foram várias situações de assédio e também entendo que isso foi realmente um crime, porque, amigo, fazer isso com crianças de 13, 14 e 15 anos é um crime. E eu lembro, gay, que tinha uns boys novinhos também, sabe, que essa gay da cidade vizinha trazia esses boys que estava começando a criar barba que nem eu também na época. E tipo assim, ela filmava todos esses atos sexuais. Filmava a gente se beijando, filmava a gente se chupando, filmava a gente transando, dois três metendo junto. Ela dirigia as cenas, mandava a gente fazer poses, bater na cara, cuspir.

Ela também gostava de filmar a gente comendo ela. Bicha, te contar, tinha vezes que a gente fazia tipo uma filinha assim, várias pessoas, uma atrás da outra, tudo se comendo. E a gay da cidade vizinha filmava tudo isso e dava assim, com detalhe de zoom, sabe. Pedia para gente gemer, fazer caras, e sempre até a gente gozar. Todo mundo até o fim.

E aí, sabe o que ela fazia com esse material? Quando essa gay chegava em casa, ela passava todo esse conteúdo para o computador dela. Ela tinha um HD externo (algo assim) e salvava tudo. E ela não deixava assim de qualquer jeito, porque ela dizia que tinha muito medo de ser descoberta. Sei lá, ela sabia que era “errado” de alguma forma, mas a impressão que ela passava para gente era que o errado era nós sermos gays e não efetivamente o fato dela juntar os adolescentes menores de idade e gravar. A gente achava que, se alguém descobrisse, a gente ia ser descoberto enquanto gays. O sádico

era que, mesmo assim, a gente se sentia grato — de alguma forma —, por ele “trazer” esses boys para ficar com a gente. Era como se ele entendesse a gente, sabe. E isso parecia bom.

Teve uma vez que um de nós conseguiu entrar no computador dessa gay da cidade vizinha e catou que a gata ainda não tinha ainda passado todo o material gravado naquele dia para o HD externo. Aí esse meu amigo abriu as pastas e viu penca e penca de vídeos de outros menores de idade, de gente que ele nunca imaginou: fotos nu e até mesmo vídeos transando ou então *comendo* essa gay, tudo sem proteção.

Esse meu amigo disse que ainda conseguiu apagar duas fotos dele, mas não chegou a encontrar fotos minhas. Ele disse que acha que ela já tinha colocado os arquivos no HD externo, então, foi quando eu meio que entendi que ele devia ter muito material pornográfico escondido.

Quando ela tinha oportunidade, ela mostrava esses vídeos a todo mundo do círculo de amigos íntimos dela. Inclusive, teve uma vez, há muitos anos atrás, eu ainda tinha 16 anos, uma dessas gays amiga dessa gay da cidade vizinha foi para a minha cidade, sabe, fazer um trabalho na escola. Quando ela me viu, ela ficou em cima de mim, dizendo que eu tinha a “neca boa”, que já tinha visto os meus vídeos no computador do fulano. E eu ficava todo errado, afinal, eu não podia negar. Ela tinha visto de verdade. Mas eu não fiquei com ela. Eu não queria.

Em 2010, eu conheci o meu primeiro namorado, que foi quando realmente tive o meu primeiro relacionamento e tudo. Teve uma vez que meu namorado chegou em casa revoltado. Com ódio, sabe porquê? Ele falou com um amigo — que também costumava consumir esse conteúdo em vídeo — que disse a ele que tinha vários vídeos meus e fotos no computador desse fulano. Tinha muitos vídeos meu transando com outros caras e tudo sem camisinha, entende?

Eu lembro que nessa época eu fiz vários testes de IST's para saber se eu não tinha contraído alguma infecção sexualmente transmissível. Graças a Deus, não. Essas pessoas envolvidas no consumo desse material não tinham muita noção das coisas, sabe. A forma com que elas me expuseram, me trataram, me violentaram, foi muito desumano.

Obviamente, não faço mais parte do ciclo dela. Eu percebi o quanto isso mexeu comigo. E hoje, bicha, eu faço terapia. Eu faço terapia por conta de vários problemas que eu tenho. Problemas psicológicos que realmente são bem mais profundos do que eu

imaginava. E eu tinha certeza que muito disso vem desse lado de ter sofrido abuso sexual e psicológico desde criança, entende?

Mas para falar a verdade para a senhora, eu sempre achei que isso fosse normal. Que era assim que bicha tinha de ser. Ser via- do era fazer essas putarias e aproveitar os boys enquanto a gente é novinha. Eu fui educado assim, né? Eu meio que ainda tenho contato com essa gay da cidade vizinha hoje em dia, 20 anos depois, sabe. Diz ela que apagou isso, essas coisas nossas. Mas a gente já sabe que não. Ela é viciada nisso.

Eu hoje percebo que essa gay sempre teve tara por menor de idade e por pessoas jovens, as tais *Twinks*. Que para ela é como se fosse um troféu, sabe. Essa ideia dela assumir esse papel de instrutor responsável pela inicialização sexual desses jovens. Hoje eu percebo que ela tem um ciclo de abuso muito grande. Ele tem um verdadeiro arsenal de vídeos de muitos jovens gays e meninos Hétero adolescentes se descobrindo sexualmente de forma clandestina.

A verdade é que todos os meus amigos gays dessa época têm alguma situação de abuso com essa gay da cidade vizinha ou com uma dessas outras gays amigas dela que não produziam as mídias, mas que consumiam o material, validando a ação e provocando esse prazer no autor dos vídeos.

Tem um amigo que também participou desses episódios e que até hoje ainda tem esses problemas. Às vezes a gente conversa muito e ele fala que a vida dele toda foi ele sendo abusado. Na infância, pela família, vizinhos e tudo mais. Na adolescência, nesses episódios dos vídeos com os meninos maiores de idades. Ele sente muito o fato de ter sido incitada a fazer sexo com outras pessoas e ser filmada, entende? E ter consciência de que hoje ainda existem esses vídeos dele transando é muito, muito complicado. É uma prisão, sabe. Um abuso que nunca acaba. Então, eu já não penso nisso, sabe. Mas eu sei que isso influencia em muita coisa na minha vida — *[fim do áudio]*.

A busca por conteúdos pornográficos parte, não apenas de uma premissa de satisfação sexual, mas também da investida por uma realização libidinal que sempre fora negada. Para Freud, o reconhecimento da importância etiológica da vida sexual, em especial dos começos da sexualidade infantil, pode ser considerado uma das principais chaves para se entender os conflitos psíquicos enquanto gênese patogênica da repressão, identificando esses sintomas patológicos como satisfações substitutivas.

Mas o trauma é esse processo de educação “cívico-social” que se utiliza da memória enquanto mecanismo de armazenamento fisiológico para surtir o

“causas-efeito”. É como um substrato da situação. E a ciência sabe muito bem disso, em seus milhares de experimentos em laboratórios e testes sociais... Somos bichos e reagimos — física e emocionalmente — a partir da sinérgica dança entre milhares de lapsos que dão estrutura a todo o nosso sistema nervoso e que são ativados a partir da experiência: ação-reação.

E isso — todo esse substrato fisiológico, as nossas “caixinhas mêmicas” —, estão bem latentes. As coisas[experiências] boas e as ruins — *o que é bom e o que é ruim? É tão subjetivo, né?* A dor física é algo real porque você faz existir, mas o fetiche que o corpo cria ao/para lidar com essa dor é o que deixa tudo ainda mais subjetivo. É como cada um decide — ou é levado a decidir —, como embrulhar essa “caixinha” que conota todo o efeito da coisa. O “problema” não está exatamente no presente — e isso tem uma certa poesia metafórica entre temporalidade, objeto de desejo e o próprio *objeto-coisa* —, mas em como você o embrulha para abrir depois. “O esforço para lembrar é a vontade de esquecer”.

Numa era de produção de conteúdos adultos, *X +18 (Twitter)*, *Xvideos*, *OnlyFans* e tantas outras plataformas que incitam muitas violências e validam traumas, quantos de nós estamos preparados para nos entendermos enquanto adultos viados? Quantos de nós estamos preparados para percebermos as nossas fragilidades e assim, aprendermos a contextualizar o nosso afeto angústia e identificar ciclos de repetição? A nossa existência enquanto objeto sexual de terceiros é validada porque somos levados a crer que essa é a nossa razão enquanto adultos viados: servir ao prazer de nossos corpos escravizados pelos [mnêmicos] desejos de uma criança fortemente ferida.

\*Indico fortemente que você assista a série *Queer As Folk* (2000-2005);